

Resenhas

Atlas Histórico y Urbano del Nordeste Argentino. Pueblos de índios y Misiones jesuíticas (siglos XVI-XX) (Ernesto J. A. Maeder & Ramón Gutierrez). Resistencia: Instituto de Investigaciones Geohistóricas/CONICET/FUNDANORD/Fundación MAPFRE, 1994.

Os assentamentos de conformação européia, utilizados para reduzir em missões religiosas ou fixar em reservas pré-determinadas os povos indígenas do Nordeste Argentino e, secundariamente, do sul do Brasil, receberam a primeira síntese que conjuga amplas informações urbanísticas contextualizadas historicamente, em um período que vai do início do século XVII até 1917. Maeder e Gutierrez apresentam dados sobre a tipologia urbanística destes assentamentos, enfocando basicamente o desenvolvimento do modelo reducional jesuítico até sua consolidação no princípio do século XVIII. Este trabalho é um detalhamento do *Atlas Histórico del Nordeste Argentino*, publicado pelos autores em 1995, com o objetivo de representar amplamente o processo de ocupação da região desde o início da presença espanhola. Este atlas, devido à qualidade de suas informações criticamente estabelecidas, também é um importante meio de introduzir os iniciantes na História da região, bem como na cultura material produzida a partir do contato entre indígenas, negros e europeus.

O atlas contém mapas regionais e locais de várias épocas, especialmente os confeccionados no século XVIII, a fim de mostrar a posição geográfica das reduções jesuíticas. Figuram, em menor proporção, mapas e assentamentos missionários de outras ordens.

As plantas baixas da maioria das reduções jesuíticas fundadas após as fugas do Guairá, Itatim e Tape, em decorrência da perda da guerra contra os bandeirantes, estão representadas. Podemos ver planos de época, traçados pelos seus idealizadores, como o de San Juan Bautista, ou pelos seus conquistados portugueses, como o de San Miguel Ancangelo, ambos dentro dos atuais limites do Rio Grande do Sul.

Também estão representados diversos planos desenhados em épocas distintas, que procuram definir detalhadamente as proporções dos prédios e sua distribuição, servindo como elementos comparativos dentro do padrão jesuítico, bem como deste com padrões de outras ordens missionárias, como a dos franciscanos. Além disso, foram incluídas representações de planos elaborados a partir de pesquisas arqueológicas e de estudos de planejamento urbanístico contemporâneos não-relacionados aos assentamentos religiosos. Ou seja, estes últimos resultam de projetos especulatórios de ocupação que não tinham nenhuma preocupação em preservar os sítios remanescentes das reduções históricas, sobrepondo um traçado urbanístico que suplantaria o antigo, destruindo-o. No Rio Grande do Sul, a partir da segunda metade do século XX, os locais das 7 reduções setecentistas foram intencionalmente planejados para serem destruídos pelos novos planos urbanísticos, a exemplo de San Miguel, San Juan e San Lorenzo. Este último foi dilacerado na década de 1980 pela abertura de ruas e com a destruição parcial dos remanescentes arquitetônicos. Depois de um efetivo trabalho judicial e de conscientização dos habitantes, e da elevação de San Miguel a “Patrimônio da Humanidade”, o processo de depredação cessou ou ficou esporádico. Na Argentina e no Paraguai aconteceram casos semelhantes e atualmente existe uma tendência de proteger e consolidar os remanescentes arquitetônicos.

Além das informações urbanísticas compiladas por Ramón Gutierrez, que desenvolveu diversos e importantes estudos e campanhas em prol da conservação e pesquisa urbanística das missões jesuíticas (cf. Gutierrez, 1983, 1987), temos uma série de dados históricos e demográficos sobre vários períodos em diversas reduções dos Guarani que foram levantados por Ernesto Maeder. Aliás, Maeder é até o presente – algumas vezes junto com Alfredo Bolsi – o único realizador dos mais completos estudos demográficos das missões entre os Guarani, especialmente entre a segunda metade do século XVII e os séculos XVIII e XIX (cf. lista de títulos em Meiliã e Nagel, 1995, p. 206).

As ausências, apesar das limitações das fontes, podem ser contadas na falta de estudos sobre a relação entre os centros urbanos e suas “zonas rurais” e demais áreas de exploração econômica, dos caminhos no entorno das reduções, usados para atividades diversas, bem como dos caminhos de ligação entre as reduções; entre elas e os assentamentos não missionários; entre elas e os povos indígenas vizinhos, de modo a configurar em sua máxima extensão social, ecológica e econômica os usos possíveis do espaço.

